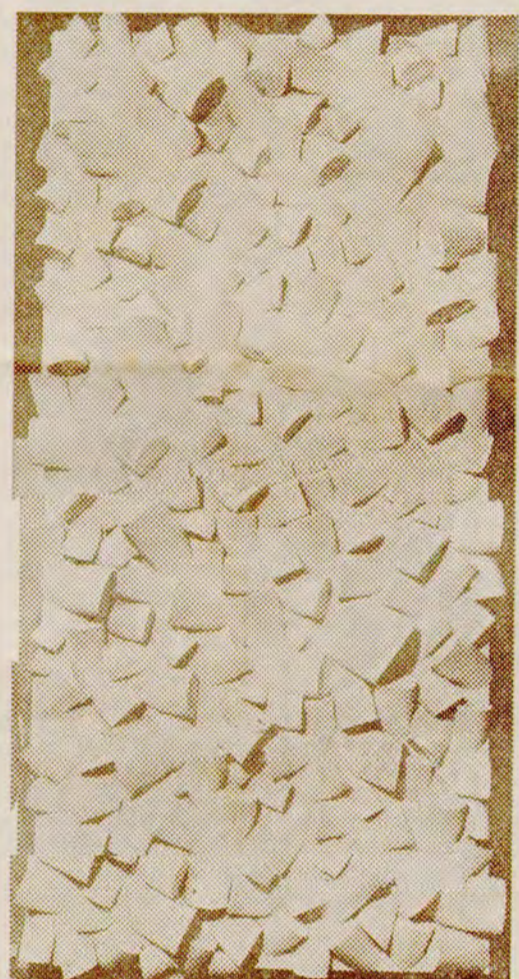
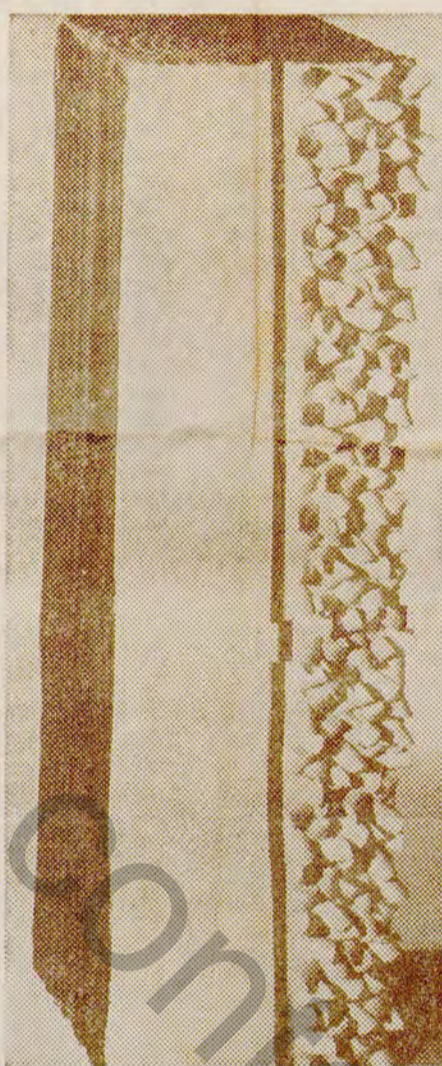
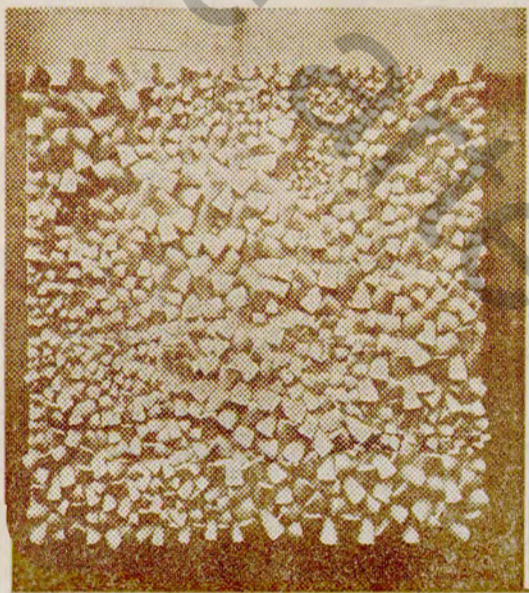
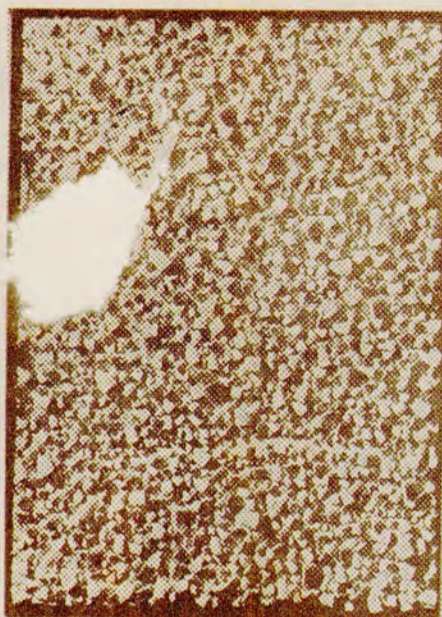
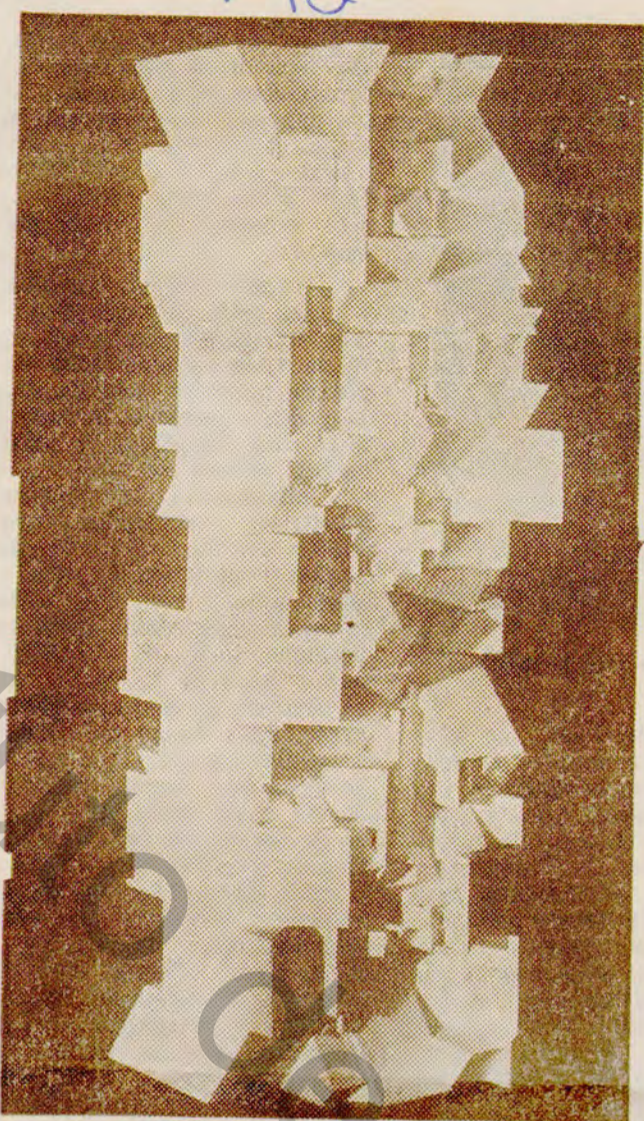


Camargo: uma única Gestalt

142



INAUGURANDO a nova galeria da **Collectio** em São Paulo, Sérgio Camargo volta ao Brasil com uma individual sob certo aspecto gigantesca, não obstante as suas dimensões não muito vastas. Já há alguns anos Sérgio tornou-se um dos poucos artistas brasileiros de carreira verdadeiramente internacional; mesmo quem tem plena consciência disso surpreende-se um pouco diante do currículo de exposições apresentado no catálogo da atual mostra, que mais parece o currículo de um Henry Moore ou de um Max Hill. Parte considerável dessa mostra vem agora para a **Petite Galerie**.

Sempre excelente, Sérgio vale muito mais ainda pelo que exhibe agora do que pelo impressionante currículo. Em sua quase totalidade, a mostra que trouxe ao Brasil é tirada da produção dos dois últimos anos. Não há um novo Sérgio Camargo, mas um Sérgio Camargo que continua a fazer grandes descobertas dentro do mesmo ascético território do qual se apropriou já há bastante tempo. O Sérgio Camargo de agora ainda é o dos painéis de madeira pintada em branco, sem qualquer concessão à cor. Sua fidelidade ao seu meio básico é tão grande, que até mesmo quando ele o abandona — optando, em algumas poucas peças, pelo mármore de Carrara, ao invés da madeira pintada, ou pelo objeto no qual as três dimensões funcionam em pé de igualdade, ao invés do painel — a impressão predominante é

a da continuidade harmoniosa com as outras peças. Não quer isso dizer que o artista desconheça as possibilidades do mármore, mal empregando-o de forma a torná-lo indistinguível da madeira pintada. Nada disso. Acontece apenas que, explorando com a maior sabedoria as possibilidades de materiais diferentes, Sérgio continua unificado em sua visão plástica.

É essa mesma capacidade excepcional de auto-unificação que integra na produção anterior as inovações e as experiências formais que Sérgio Camargo nos apresenta agora. Por exemplo: os grandes painéis vasados, nos quais os volumes adicionados projetam-se, não só para a dianteira, mas para a retaguarda também, com isso imprimindo uma translação significativa ao próprio plano de base da composição; ou a peça que contém um elemento

móvel emergente de um plano projetado, por trás do qual pode também se ocultar. A inovação mais poderosa na presente coletânea do artista é construída, porém, pelas peças dominadas por dois únicos cilindros, às vezes quase fálcos, que se confrontam nas posições mais diversas. Insisto, entretanto, no seguinte: essas reais inovações, essas aberturas de novos caminhos integram-se aos painéis que Sérgio já tornou clássicos, como novos elementos de uma única Gestalt. O todo domina as partes.

Vale acentuar ainda aqueles painéis "clássicos". Há neles um novo estudo de textura. Apreciados em seqüência, revelam uma experiência com dimensões dos elementos componentes, que variam desde a muito pequeneta até o volume já agressivo. Em todos os casos, luz e sombra encaregam-se de contribuições

pelo menos tão marcantes quanto as da materialidade propriamente das peças.

Finalmente, ainda uma outra experiência de Sérgio Camargo reclama referência especial. Trata-se de um painel quadriculado, com cada cela compreendendo, mais uma vez, dois únicos elementos minúsculos. Em seu geometrismo extremo, em seu forte senso de abstração, Sérgio biomorfisa-se. Os pares de elementos sobre cada quadrado de seu alvo tabuleiro afiguram-se cromossomas acasalados, impondo ordem sobre o que deveria ser acaso. Ou, então, aqueles pares de elementos são células recém-bipartidas no processo de reprodução assexuada.

Mas é necessário um comentário também para a nova sala da **Collectio**. Eduardo Longo, autor do projeto, deve ter concretizado, com ele, o melhor espaço de galeria

de arte no País. Um único galpão, adaptado de uma antiga oficina do Brooklyn paulista, ainda na Brigadeiro Luiz Antônio, funciona como um agregado de salas, capazes de abrigar, sem conflitos, individuais diferentes. O espaço interior da **Collectio** é excepcionalmente rico em estrutura; nem por isso pesa sobre o que ali fica exposto. É um espaço cuja muita estrutura sabe-se fazer discreta. Metamorfoses de oficina, delinea afinidades com espaços congêneres: chega a evocar o galpão da **Armory Show** de Nova York — onde em 63 foi feita a grande retrospectiva do cinquentenário da mostra original, no mesmo local. Em alguns detalhes, a nova **Collectio** chama a atenção; mas apenas onde não há interferência possível com as obras que abriga — na curiosa porta giratória prismática, por exemplo, plasticamente muito boa, mas de funcionalidade ainda a ser provada.

Dificilmente a nova **Collectio** poderia ter encontrado algo mais adequado para a sua abertura ao público quanto a gigantesca mostra de Sérgio Camargo. Havíamos planejado essa exposição para o MAM do Rio, cuja diretoria aceitou rapidamente a idéia. As coisas mudaram, porém, e a exposição vai ser mostrada no Rio na **Petite Galerie** da Barão da Torre, que foi construída para exposições menos exigentes do ponto de vista de ambiente. Entretanto, o reencontro com Camargo-72 encerra de forma admirável a fecunda temporada artística no Rio de Janeiro.